

Especial



Por trás dos bastidores do Gen Verde

Ano de 1967. A música beat já corria o mundo todo, impressa em LP. Sua contestação ao Sistema fora embaçada pelo mito do sucesso e instrumentalizada pelo consumismo.

Mas a história da música pop conta que, ao mesmo tempo, uma nova era estava surgindo, a era da “música para o povo”. A música do relacionamento com o público e dos ritmos envolventes vai buscar inspiração nas alegrias e tragédias humanas jamais narradas pela História. Os conjuntos se multiplica-

vam e cada um queria dar o seu recado.

Naquele ano, Loppiano (1) recebeu de presente duas baterias: uma vermelha para os rapazes e uma verde para as moças. Juntamente com as guitarras, bumbos e outros instrumentos – trazidos principalmente pelos latino-americanos – as baterias vieram estimular a criatividade musical naquela cidadezinha nascente. Seus habitantes tinham o costume de alegrar o domingo oferecendo aos encontros de visitantes algu-

ma diversão, com canto e danças folclóricas de seus países de origem. O esforço de utilizar também as novas baterias fez aparecer talentos musicais escondidos, que foram colocados em comum. Isto resultou na criação das primeiras canções originais que narravam experiências de vida.

O conjunto Gen Rosso e o conjunto Gen Verde nasceram deste modo, nas poucas horas de ensaios aos sábados à tarde, antes do dia em que chegavam os visitantes em ônibus lotados. Algum tempo depois, a atividade musical em Loppiano tornou-se um trabalho profissional, uma pequena empresa com a tarefa de exprimir o ideal que havia unido na “cidadezinha” pessoas dos mais diferentes lugares do mundo.

Em 1968, quando o Movimento Gen com sua “revolução arco-íris” havia se difundido em 80 nações, a nova “música para o povo” já era a linguagem corrente entre os jovens. Os gen não podiam deixar de utilizar também baterias, guitarras, órgãos eletrônicos para exprimir aquela revolução evangélica, cujas etapas e propostas foram simboli-



O conjunto Gen Verde é composto atualmente de 15 jovens de onze nacionalidades. Na foto grande: Therese (Escócia), Saba (Alemanha), Maria del Carmen (Argentina), Cara (Filipinas). Em segundo plano: Aurora (Brasil), Regina (Austria), Soon-Shin (Coreia).

(1) Loppiano é um lugarejo, a quarenta quilômetros de Florença (Itália) onde nasceu em 1964 uma comunidade de jovens e famílias provenientes de várias nações. Na busca de realizar uma profunda experiência do Evangelho, desenvolveram várias atividades industriais, agrícolas, culturais, etc. que constituem elementos de uma pequena cidade. Veja, a respeito, ROBERTSON, Edwin, Chiara, S. Paulo, Editora Cidade Nova, 1979, pp. 79 a 89.

Por trás dos bastidores do Gen Verde

zadas nas cores do arco-íris.

O Gen Rosso e o Gen Verde tornaram-se, deste modo, a matriz de inúmeros grupos musicais que foram surgindo em todo o mundo: Gen Uno, Gen Sprint, Revolución de Amor, Cântico Novo, Amis des Sans Amis, Amigo Gen, Gen Festa, Gen Gialfo Blazers, etc.

Quando estivemos agora em Loppiano, o Gen Verde estava preparando uma nova tournée pela Europa. Estava renovando o programa, criando novas canções, músicas, danças e aperfeiçoando outras antigas. Detivemo-nos um pouco com os componentes do conjunto. Não foi uma entrevista formal, mas uma conversa em que vieram à tona reflexões interessantes sobre a proposta e a experiência desse conjunto musical.

tais que se pretende da música hoje: a identidade, a força da linguagem, a mensagem. Como é que vocês vêem estes elementos e como “se” vêem, também em relação a outros conjuntos?»

Therese (Escócia): «Na realidade estamos numa procura contínua, mas vendo nosso estilo de trabalho, parece que tenha dois fios condutores: a nossa vida musical. O requisito mais importante para o nosso trabalho musical é a unidade entre nós. Enquanto conjunto musical, somos semelhantes aos outros conjuntos, mas temos também uma característica bem diferente. Somos semelhantes, porque fazemos canções, arranjos, tournées “one night stand”, isto é, tournées em que se apresentam espetáculos em vários lugares, o que dá um grande trabalho de montar e desmontar a aparelhagem todos os dias (e isto é um dos trabalhos mais cansativos para os conjuntos). Mas existe um pressuposto que nos distingue dos outros conjuntos. Em geral, a técnica musical e instrumental é considerada a coi-



Regina: «Posso confirmar o que disse Paola (foto à direita), que é com a coerência de nossa vida, com o que cantamos e tocamos, que estabelecemos um relacionamento verdadeiro com o público». Durante o show são apresentadas também cenas e danças folclóricas. Elementos das tradições mais diversas se fundem em harmonia.

quecê-la, com os arranjos. Deste modo, coloca-se em relevo a beleza das várias nacionalidades: desde o toque que pode dar uma brasileira com seu senso de ritmo até a harmonia que uma asiática é capaz de dar, com seu senso de equilíbrio e medida... Eu estava num conjunto Gen nas Ilhas Canárias, e já tinha criado várias canções, em um estilo que talvez seja fruto da minha geração, a de Bob Dylan e de Donovan. Eu percebo agora que as músicas e canções trabalhadas com minhas companheiras, na procura de que aquela composição exprima a nós todas, acabam sendo enriquecidas e sinto que elas me exprimem de um modo mais livre, porque transcendem aquele timbre ou estilo limitado que assimilei de uma determinada moda musical».



Cidade Nova: «Vimos algumas “impressões” escritas por pessoas que assistiram a um de seus últimos shows. Uma jovem diz: “Eu pensava que fosse um conjunto como os outros. Mas posso dizer sinceramente que o show de você sensibiliza muito mais. Espero que todos acolham a mensagem de vocês”. Parece que esta moça esteja lhes atribuindo três elementos fundamen-

ta mais importante para se comunicar uma mensagem. Também para nós este aspecto é importante, mas queremos que também a técnica amadureça em base à unidade entre nós».

Maisy (Ilhas Canárias): «Concretamente, isto significa que por exemplo, quando se compõe uma canção, o autor a faz conforme sua sensibilidade e inspiração. Depois estudamos como enri-

Therese: «Uma outra diferença, ainda, em relação aos outros conjuntos é que ao fazer música, o que queremos oferecer não é tão somente a música, mas sobretudo um novo estilo de vida que desabrocha na beleza, na harmonia em canções e danças. E isto vale também para os aspectos mais práticos na preparação do local do show. A apresentação deve ser um ato de amor para as pessoas: desde a colocação dos microfones, até a localização dos instrumentos ou dos alto-falantes, de modo a não “romper os tímpanos” (e talvez, o mais cansativo é encontrar o ponto certo), ou a arrumação dos fios a fim de que ninguém tropece (não basta pregar os fios no chão com fita adesiva, porque se tropeça do mesmo jeito; então a gente os faz passar por cima da porta, mesmo que isso dê mais trabalho...).

De toda esta preparação – das canções aos fios – que é fruto do amor entre nós e do amor para com o público, surge como um todo o espetáculo que queremos apresentar».



Cidade Nova: «Vocês conhecem a sensibilidade dos jovens de hoje, enlevados, muitas vezes, pela busca de sucesso e bem-estar, ou então pela preocupação social, política... por que é que vocês cantam o Evangelho, e muitas vezes tal e qual?»

Paola (Itália): «Muitas vezes nos perguntamos se não seria melhor fazer as coisas de outro modo, porque hoje se canta de determinada maneira, com tal estilo, utilizando-se certos recursos, e assim por diante. E vinha a tentação de não mais tomar o Evangelho como base de nossa mensagem. Mas o que sempre nos confirmou nesta linha foi o próprio público, quando menos esperávamos. Isto porque talvez era um modo novo de apresentar o Evangelho; talvez ninguém tinha a coragem de fazer isso ou havia outros motivos para não fazê-lo. Quase sempre voltamos a este caminho, porque o público exigiu este tipo de canções. E acho que o valor da mensagem que propomos esteja justamente na coragem de anunciar o Evangelho de modo claro, sem misturá-lo com outras coisas».

Cidade Nova: «Em alguns grupos musicais, principalmente naqueles que fazem canções de contestação, há – ao menos parece haver – a disposição de sacrificar certos elemen-

Paola: «A nossa coerência deve ser cem por cento, do contrário, o show se torna um aglomerado de musiquinhas sem sentido».

tos do espetacular, porque estão interessados na comunicação da mensagem. Vocês não fazem canções “de contestação”, mas certamente estão “contra-corrente”. Vocês sentem alguma coisa em comum com estes grupos?»

Paola: «Também a canção de contestação foi absorvida pela moda, ao menos até um certo ponto... Eu acho que, para uma contestação, para uma luta que pretenda ser autêntica, inclusive a nossa luta contra-corrente, o elemento fundamental é a coerência da vida com o que se fala. Geralmente, os conjuntos daquele tipo exprimem na música uma realidade negativa, porque a percebem e querem sensibilizar a opinião pública. Na realidade, nós sentimos os mesmos problemas e os experimentamos em nossa pele. Mas, em nossa música, queremos gritar aquela realidade negativa juntamente com o fruto positivo que encontramos em nossa experiência. Veja, por exemplo, uma das músicas que canto nos shows, “Uma nova Primavera”. É a experiência do fracasso, do nada, de uma realidade que morre sem que se possa fazer nada. A descoberta que o Evangelho nos levou a fazer é a de que, nesta morte, pode-se dar frutos positivos. Quando canto esta canção, sinto que ela deve ser expressão de minha vida; do contrário, não vale a pena. E, se por acaso durante as várias circunstâncias daquele dia eu não tivesse sido capaz de passar da “morte” para a “vida”, tenho que recomençar imediatamente, senão transmitiria ao público apenas uma farsa, algo de vazio. E este relacionamento com o público é lindo, porque a exigência de verdade que as pessoas sentem, me obriga a ser autêntica. Não sei me explicar, mas sei que a coerência deve ser cem por cento. Do contrário, o show se torna um aglomerado de musiquinhas sem sentido».

Regina (Áustria): «Eu toco guitarra e, portanto, não me comunico diretamente como cantora. Mas posso confirmar o que Paola está dizendo: a coerência é algo que todas no palco sentimos a exigência de viver e é aquilo que nos permite estabelecer um profundo contato com o público. Fazendo a minha parte, tocando ou fazendo uma pausa, em canções que já ensaiamos uma infinidade de vezes e até poderiam se tornar rotina, tenho que reviver aquela realidade expressa pela canção, como um pano de fundo para quem está cantando e se comunicando face a face com o público. Então a gente percebe que se estabelece um relacionamento com as pessoas, no qual muitas descobrem inclusive a resposta a tantos problemas».

Cidade Nova: «No conjunto de vocês, justamente porque está ligado a uma vida espalhada em todo o mundo, há uma certa rotatividade de componentes e cada um traz sem-

Na mesma linha do Gen Verde e Gen Rosso, nasceram no mundo inteiro vários conjuntos musicais. Um dos que surgiram no Brasil é o Gen Festa, composto de jovens providas de várias regiões do país.

O conjunto Gen Festa busca realizar a mesma experiência de relacionamento entre si e com o público através da música, canções, danças e cenas de mímica. A penetração da mensagem que transmite evidencia-se nos depoimentos de algumas das 35 mil pessoas que assistiram aos seus shows em 1979:



O Conjunto Gen Festa

«As integrantes do conjunto com suas guitarras, órgão elétrico, violão, bateria e um "guarda-roupa" de muito bom gosto, sem concessões ao exibicionismo, oferecem um quadro audio-visual muito de acordo com a nossa era de som e imagem. O jogo de luzes, discreto, mas muito eficiente, completa o quadro. Percebi logo que estava diante de um conjunto de amadores que, porém, não fazem concessão ao amadorismo.

Mas aqui não é suficiente a simples

apreciação da técnica. Sim, porque não basta uma simples técnica, ou roupas bonitas, ou jogo de luzes para comover uma plateia inteira. É necessário que transmita uma mensagem.

E elas comunicam algo que todos nós buscamos: um modo eficaz de ser feliz. Elas cantam e declamam o Evangelho, que procuram viver constantemente.

Num teatro comum, um bom texto, aliado a uma boa interpretação, é o suficiente para agradar. Mas havia algo mais

naquelas duas horas de festa. Pois um bom texto aliado a uma boa interpretação podem comover, mas não chegam a mover, a dispor pessoas a mudar de vida. E nessa noite as pessoas se sentiram movidas, além de comovidas. Pois no íntimo de todo o espetáculo havia algo mais: havia "vida", havia uma experiência comunitária de jovens engajadas em nossa época. E nesse fato reside a grande força do espetáculo, da comunicação. Elas entenderam o que disse Paulo VI: o homem

Por trás
dos bastidores...

pre algo de novo e diferente. Vocês ficam preocupadas em manter a unidade de estilo?»

Therese: «Cada um que passa a fazer parte do conjunto é um enriquecimento. Eu percebo muito claramente que a unidade contém a diversidade e não gostaria que o Gen Verde assumisse um determinado timbre, como se fosse uma etiqueta pregada na testa. Em primeiro lugar, porque é um con-

junto internacional, e não pode ser um grupo uniforme. Em segundo lugar, porque pretende exprimir esta unidade dos povos a espectadores de vários países, correspondendo também a seus diferentes gostos musicais, e não apenas com o folclore. Portanto, é muito bom que haja estilos diferentes entre

moderno ouviu muito mais a testemunha do que os mestres, e ouviu muito melhor os mestres quando eles mesmos são testemunhas» (um jornalista).

«Foi maravilhoso ver como das palavras de Cristo essas jovens fazem "arte". Num mundo como esse de hoje, onde a arte é confundida com nudismo e pornografia, elas se vestem discretamente e têm um encantador sorriso que contagia» (Uma dona de casa).



«Gostei muito do espetáculo porque as componentes do Gen Festa nos deram uma mensagem verdadeira num mundo em que a falsidade impera» (uma estudante).

«Trata-se de um convite para uma nova vida. O show nos dá também a imagem de que nem tudo se perdeu no mundo. Há uma esperança, trata-se de uma semente lançada» (Um advogado).

«Quando começou a apresentação tive a impressão de ver uma constelação. E justamente por ser uma constelação, não sabia dizer qual era a estrela mais bela. O que mais me impressionou foi a unidade do show. Notei que quando uma das meninas cantava ou dançava, parecia que todas as outras cantavam e dançavam com ela. Eu nunca tinha visto algo assim: que as pessoas quisessem e se alegrassem com a vitória do outro. Esse show é digno de ser visto por todos, mormente nesta época em que o mundo descamba para o materialismo ateu» (Um professor).

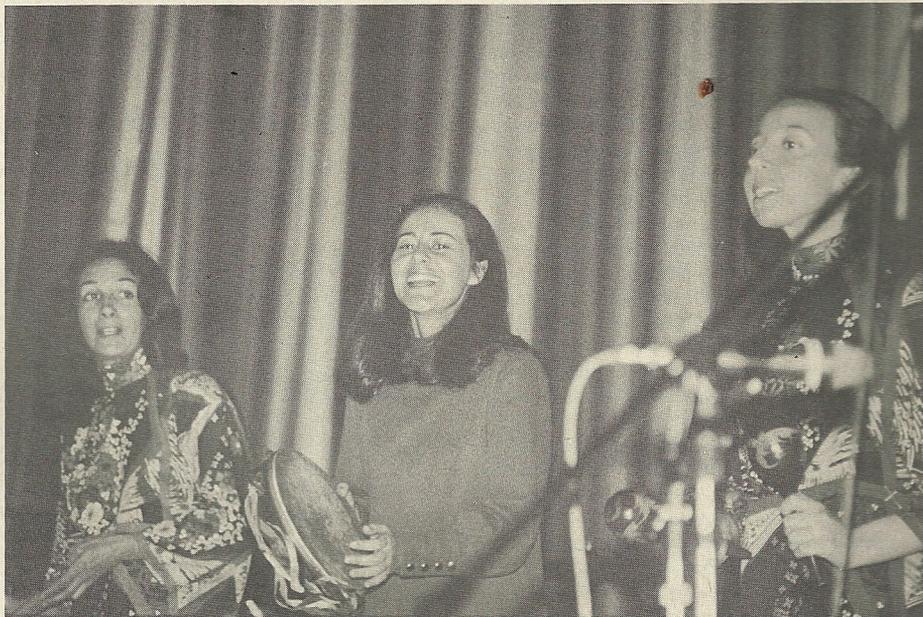
nós, porque é toda uma riqueza que podemos oferecer».

Aurora (Brasil): «Neste aspecto, o relacionamento com o público foi muito importante, porque nos estimulou a encontrar uma harmonia entre os vários estilos, que, a meu ver, não devem

ser como compartimentos estanques. Na realidade, o estilo que procuramos ter é a harmonia, a beleza na simplicidade, sem forçar nada: nas encenações, na música e nas vozes. Isto, para transmitir com limpidez a mensagem que queremos oferecer, sem impôr. As sugestões, impressões e preferências, que as pessoas escrevem numa folha de papel que damos ao final dos espetáculos, nos mostram que o público gosta e quer colaborar. Portanto, nosso conjunto progride também como expressão do povo. E a gente vê que a sua maior alegria está em ter encontrado "uma coisa nova", uma "harmonia nova" um "mundo novo"... Parece que é

mado: o aparelho de controle dos microfones não funcionava mais. Durante toda a outra parte do programa tivemos que cantar com a máxima potência da voz. No final, justamente quando se cantava "A Tempestade" e se anunciava "retornou de novo o Sol", os microfones começaram a funcionar. Produziu um efeito extraordinário.

Justamente estes inconvenientes, que à primeira vista poderiam significar verdadeiros fracassos, sempre foram um modo para criar um relacionamento com aquelas pessoas que estavam diante de nós e imprimir em sua memória aquele encontro, como um dos mais lindos e significativos».



Aurora (no centro) é brasileira e toca bateria: «Procuramos encontrar a harmonia entre os vários estilos, para transmitir melhor a nossa mensagem».

sempre a harmonia de conjunto que agrada as pessoas. E acho que este é realmente um estilo».

Cidade Nova: «No palco, vocês dão a impressão de uma calma enorme e o espetáculo se desenrola com normalidade, mesmo quando há pequenas inconveniências. Mas vocês se lembram de algum imprevisto relevante durante um show, que as tenha colocado em má situação?»

Paola: «Em treze anos, os problemas realmente não faltaram... Lembro-me de uma noite em que, durante todo o show, faltou a energia elétrica. Assim, usava-se o alto-falante manual para a voz e, para os efeitos de luz, lanternas e velas, porque o público recusara-se a renunciar ao espetáculo, mesmo restituindo-lhes o bilhete de ingresso.

Numa outra ocasião, na metade do espetáculo sentimos um cheiro de quei-

Entre os vários recortes de jornais que observamos enquanto procuramos fotografias, cai sob os olhos um comentário crítico de um jornal austríaco: «Tecnicamente perfeito nas luzes, som e instrumentos, o conjunto dispõe de vozes selecionadas e grandes talentos em dança e mímica... Apresenta um jazz derivado do rock, geralmente suave; mas não faltam os ritmos americanos. O Gen Verde faz arranjos lípidos e harmoniza de modo fascinante o folclore com a nova música, em um novo gênero de canções, não agressivo. Os efeitos de luz e os aparelhos de amplificação são utilizados com tal limpidez que não deixam perder sequer uma palavra».

Um flash de Dublin: «Todas as culturas unidas em uma grande "cultura internacional"... Pureza e ausência de permissividade comercial».

Anamaria Pericoli e Renato Fontes